



REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA



HEGEL: A RAZÃO NA HISTÓRIA

Pedro Junqueira de Oliveira Neto

Graduado em História pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: pedrojnet@hotmail.com

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar o impacto das teorias de Friedrich Hegel para a História nos séculos XIX e XX. O trabalho também evidencia a influência de Immanuel Kant no pensamento hegeliano.

Palavra Chave: Hegel – Razão – História

HEGEL: THE REASON IN HISTORY

Abstract: The present study aims to analyze the impact of Friedrich Hegel's theories on history in the 19th and 20th centuries. The work also shows the influence of Immanuel Kant in Hegel's thought.

Key Words: Hegel – Reason - History

1. Georg Wilhelm Friedrich Hegel 1770-1831

vestigios incontestables de su método, de sus ideas, de sus puntos de vista, de sus principios.

Zeferino González

Nenhum outro sistema filosófico exerceu uma influência tão forte e tão duradoura na vida política como a metafísica de Hegel... Não há um único grande sistema político que tenha resistido à sua influência".

Robert S. Hartman

No es de extrañar la influencia extraordinaria, universal y decisiva que el pensamiento hegeliano ha ejercido sobre el pensamiento contemporáneo en todas sus esferas. Filosofía y religión, ciencia y artes, literatura e historia, la poesía y el lenguaje, todos los ramos, en fin, del saber, se hallan más o menos penetrados e influidos por el pensamiento de Hegel; en todos se descubren señales visibles,

Hegel nasceu em Stuttgart, Alemanha, em 1770. Entre os anos de 1775 e 1788 frequentou o Ginásio de Stuttgart. Aos 18 anos, ingressou no seminário de teologia protestante de Tübingen. Nesta universidade, naquela época, "borbulhavam as ideias, abrindo espaço para o espírito de crítica e de inovação intelectual. Os livros de Kant e Rousseau eram lidos às escondidas e os dogmas políticos, religiosos e filosóficos estavam sendo abalados" (ROSENFELD, 2012, p. 6). Seus anos de estudo em Tübingen, permitiu o encontro com o poeta Friedrich Hölderlin e com o filósofo Shelling. Em 1793, G. W. F. Hegel obteve o título de magister philosophi. Entre 1793 e 1796, o filósofo trabalhou como preceptor de teologia em Berna,

onde se aprofundou nos estudos de Kant e Fichte. O ano de 1797 foi marcado por sua saída de Berna rumo a Frankfurt, onde continuava a ser preceptor. Nesta cidade, Hegel teria dado início a escritura dos primeiros esboços do seu sistema filosófico.

Em 1801, tornou-se livre-Docente em Jena, onde apresentou a dissertação "Sobre as orbitas dos planetas. Com a ajuda de Johann Wolfgang von Goether tornou-se professor associado. A sua primeira elaboração de um julgamento filosófico a respeito da história foi publicada em 1807, apenas. Intitulada "Fenomenologia do Espírito", este trabalho resume as meditações hegelianas sobre o problema político, tema central da filosofia do filósofo.

Um ano após a publicação de Fenomenologia, em 1808, Hegel tornou-se professor no liceu de Nuremberg. naquela cidade, o filósofo publicou a obra "Ciência da Lógica", digo, sua primeira parte, já no ano de 1812, vindo a segunda a ser publicada somente quatro anos depois, já na cidade de Herdelberg, quando Hegel havia sido nomeado professor da universidade da cidade. Lá Hegel ministrou cursos de filosofia da arte. Em 1818, foi em Berlim que o filósofo fez morada. Foi na Universidade de Berlim que ele ministrou seus mais famosos cursos. naquela universidade ensinou estética, filosofia da história, filosofia da natureza, filosofia do direito, filosofia da religião e história da filosofia.

Hegel dominava os conhecimentos de sua época. Teria, conforme afirma NÓBREGA, vivido intensamente os momentos políticos de seu tempo (2009, p.8).

Influenciado por Kant, Hegel tenta construir uma metafísica que preencha a lacuna entre aparência e realidade, que a filosofia de seu antecessor teria deixado em aberto. De acordo com Redyson, "muito cedo o pensamento de Hegel trouxe muitos debates na Alemanha entre seus adeptos e seus críticos" (2011, p.24).

E continua o mesmo autor,

é claro e perceptível que a presença de Kant nos estudos do jovem Hegel é condição sine qua non para a formação de sua estrutura de pensamento [...] Por isso é difícil compreender o pensamento de Hegel sem perceber a evolução do pensamento de Kant e de suas problemáticas. Hegel é um pós kantiano, sem dúvida, no modo peculiar que é seu, mas no sentido mais verdadeiro da expressão (REDYSON, 20011, p.28).

O próprio filósofo assim teria se definido: "formeime na filosofia kantiana" (HEGEL, apud. REDYSON, 2011, p.28).

Suas obras podem ser classificadas a partir dos períodos de sua vida. O primeiro momento é marcado por sua experiência na cidade de Berna (1793-1796), marcado pelo contato com a filosofia kantiana e pela constituição de sua relação com a visão de religião. Em seguida temos o período de Frankfurt (1797-1800), neste período, influenciado pela leitura de Kant, sua atenção volta-se para as relações entre razão e sensibilidade prática, entre o espírito e a natureza. O terceiro período, foi em Jena, onde o filósofo é influenciado pelos pensamentos de Fichte e Shelling. O quarto momento, pode ser definido como "O Sistema da Ciência", esta fase começa em Jena, passa por Nuremberg e Heidelberg, para finalmente concluir-se em Berlim, caracteriza-se principalmente por ser o momento em que Hegel redigil suas mais importantes obras. Por último, temos a fase da "Compilação dos cursos". A maior parte das obras referentes a esse período é resultado dos seus cursos e, muitas delas não forma redigidas por ele, vindo a ser publicados postumamente. Esta fase está dividida segundo Deyves Redyson em quatro categorias, são elas: 1) Lições sobre filosofia da História; 2) Lições sobre estética; 3) Lições sobre Filosofia da Religião; 4) Lições sobre História da Filosofia (2011, pp. 23- 24).

Vitimado pela cólera, Hegel faleceu em 1831. Naquele contexto ele ainda lecionava em Berlim e havia publicado edições revistas da "Enciclopédia" (1827 e 1830).

2. O cenário filosófico

Desde que o Sol se encontra no firmamento e os planetas em torno dele giram, jamais se tinha visto o homem apoiar-se sobre sua cabeça, isto é, sobre o pensamento e, conforme a ele, construir a realidade efetiva; uma magnífica aurora; todos os seres pensantes celebraram está época. Uma emoção sublime reinou nesta época, o entusiasmo do espírito estremeceu o mundo, como se só então se tivesse chegado á efetiva reconciliação do divino com o mundo.

G. W. F. Hegel

Hegel que foi contemporâneo de Kant viveu intensamente a modernidade, sobretudo o período pós-Revolução Francesa. Para o filósofo, a revolução que aconteceu na França marcava o

momento de regeneração da humanidade ao romper com a monarquia.

A Revolução apresenta[va]-se como a culminação de um longo processo histórico, que viu a liberdade nascer em várias de suas figuras (como a de liberdade do pensamento, de propriedade e de culto religioso), mas que só encontra sua realização ao unir a política com a universalidade dos direitos (ROSENFELD, 2012, p. 7).

A admiração pela França revolucionária, tinha em Hegel um defensor em face da situação imediatamente oposta em que se encontrava a Alemanha, que estava dividida ainda em muitos principados. O filósofo acreditava, afirma Rosenfield, "a Revolução fa[ia] seu próprio caminho e, como um rio caudaloso, encontrará seu curso mundial, propagando-se pela Alemanha e libertando sua terra natal" (2012, p. 7). Assim, a Revolução francesa, desempenharia o papel de libertadora, derrotando uma a uma as monarquias absolutistas.

Destarte, tal período caracterizou-se pelas rupturas com a sociedade fechada, "ela se apresenta como inquietude, desequilíbrio, movimento acelerado para a frente" (REIS, 2007, p. 31). E, segundo Hegel, os princípios dos novos tempos seria a subjetividade, afirma José Carlos Reis. Ora, a modernidade foi marcada, antes de tudo, pela liberdade e pela reflexão da subjetividade, que deveria agir conforme a razão.

Eis que foi no contexto da Reforma, das Luzes e da Revolução francesa que os princípios moderno da subjetividade hegeliana teriam se imposto.

3. A Razão na História

A verdade última é desvelada lentamente por meio do desenrolar evolutivo da história das idéias.

Se olharmos a história racionalmente, ela nos olhará racionalmente de volta.

G. W. F. Hegel

Tendo vivido entre o final do século XVIII e início do século XIX, Hegel, que foi contemporâneo de Kant, ofereceu ao problema dos racionalista e empiristas solução diferente daquela proposta por seu precursor.

Estando inserido na tradição filosófica conhecida como idealista, ou, dizendo de outra forma, sua filosofia estabelece a primazia do sujeito sobre o objeto cuja existência depende da ação do sujeito. Todavia, em face de sua dissonância para com a tradição idealista do seu tempo, especialmente em relação a Kant, cuja postura é denominada como idealismo transcendental, Hegel é considerado idealista dialético.

Ora, enquanto para Kant o sujeito não tem acesso ao próprio objeto, dado que este é apresentado como ideias para o sujeito e a ideia não é o objeto, conclui-se que, para Kant, o objeto em si é inacessível ao sujeito. Hegel, apesar de reconhecer o mérito da revolução copernicana de seu antecessor, afirmou que se o sujeito determina o objeto, o objeto, por sua vez, não poderia escapar a sua ação. Assim sendo, em Kant, dado que o objeto não é senão uma construção do sujeito ou o resultado do que o sujeito projeta sobre ele, o que se tem é um conhecimento formal e parcial do objeto. Já em Hegel o sujeito deve objetivar atingir um conhecimento absoluto do objeto.

Nesta perspectiva, Hegel irá afirmar que o *a priori* de Kant não é possível, uma vez que o conhecimento, na sua perspectiva, é o resultado e não a busca do objeto em si. Eis que, tal como em Kant, em Hegel o conhecimento está numa relação sujeito-objeto, todavia, diferente de seu antecessor, o sujeito deve se conhecer e só se conhece, segundo este filósofo, à medida que conhece o objeto e vice-versa.

Em rigor, a compreensão do conhecimento exige, antes de qualquer coisa, uma compreensão prévia do próprio conhecimento. Conforme Hegel,

Segundo uma representação natural, a filosofia, antes de abordar a coisa mesma - ou seja, o conhecimento afetivo do que é em verdade, - necessita primeiro pôr-se de acordo sobre o que conhecer, o qual se considera ou um instrumento com que se domina o absoluto, ou um meio através do qual o absoluto é contemplado.

Assim, a ideia de conhecer é o conhecer da ideia por que a ideia é a elevação da vida à sua realidade plena. Na ideia, o conhecer prende sujeito e objeto, pois o sujeito ao conhecer o objeto o determina e é determinado por ele. Considere-se que a ideia em Hegel, ele a chama de

razão quando a mesma remete-se aos princípios e/ou a explicação última de onde toda a realidade surge. Ora,

a Idéia não é estática, mas dinâmica; ela dá origem, por sua própria dinâmica interior, a tudo que existe. Toda existência é a manifestação, a realização da Idéia. Apenas por ser realizada é que a Idéia recebe toda sua realidade e apenas por conter a Idéia é que o que existe obtém sua completa existência (HEGEL, 2001, p. 12).

Para o filósofo, uma vez que o sujeito tenha determinado o objeto ele se encontra preso a ele, pois não o considerar implica em sua indeterminação. O sujeito hegeliano não um mero expectador, é um sujeito de vontade, que quer conhecer e quer conhecer algo determinado. Nesta medida, o conhecer é a relação sujeito-objeto.

Com efeito, a filosofia hegeliana pode ser interpretada como uma superação do dualismo entre sujeito e objeto. Pode-se afirmar que, em plena filosofia moderna,

depois das "desconstruções" empiristas e kantianas, Hegel pretendeu restabelecer o reinado da razão. Só que a razão por ele defendida é uma razão ampliada, em que cabem todas as obras e criações do espírito humano na história - arte, religião, sistemas políticos (MENESES, 2003, p.5).

Sublinhe-se que para Hegel, a "função da filosofia é apenas trazer explicitamente à consciência o julgamento dos homens ao longo do tempo" (apud. HUGHES-WARRINGTON, 2004, p.161). Assim, ao criticar o inatismo dos racionalistas, o empirismo e, mesmo, o kantismo, o filósofo teria sugerido que seus predecessores não haviam compreendido o que há de mais basilar à razão: **que a razão é história**. Neste sentido, segundo Hegel, os filósofos produzem verdades eternas a partir dos eventos históricos (HUGHES-WARRINGTON, 2004, p.161).

Ao afirmar que a razão é histórica, Hegel estava dizendo que a transformação da razão e de seus conteúdos é uma obra racional da própria razão. A razão não está[ava] na história, ela é a história.

É preciso então considerar que a razão, diferente da coisa que tem um caráter individual, é universal; é esse o primeiro e principal atributo da razão. Desta forma, não há, segundo Hegel, "nada mais universal do que aquilo que é a fonte de todas as coisas e de algum modo deve estar

presente em toda e qualquer existência e não apenas em linhas e paralelas. É o caso da razão. Nada é mais universal do que a razão" (NÓBREGA, 2009, p. 17).

Outra característica da razão hegeliana é que ela "se explica a si própria". Tomando o exemplo de Francisco Pereira Nóbrega,

Em muitos raciocínio matemáticos, filosóficos ou de qualquer outro tipo, uma razão apresentada ainda [pode parecer] obscura e ped[ir] outra razão para se justificar, mas quando de raciocínio em raciocínio, chegamos à evidência, ninguém pede a razão da evidência. Ela se explica e se justifica a si própria (2009, p.18).

Neste sentido, o que Hegel desejou, segundo o autor citado, foi encontrar uma explicação coerente do Universo, que para ele não se trata de uma razão particular, mas a razão em geral. Segundo este filósofo, a explicação do Universo não estava na ordem das causas, mas na ordem das ideias. Ora, a causa que é a coisa é individual, a ideia, por seu turno, que é a razão, é universal.

Note-se, sobretudo, que em Hegel o racional "não é um sonho abstrato, mas sim o concreto na riqueza de seus múltiplos aspectos e contradições" (MENESES, 2003, p. 5). Assim sendo, para o filósofo, o real está embebido de razão, razão esta "que o estrutura e lhe dá significação".

Dito isto, observe-se que a originalidade de Hegel está no seu pensamento dialético. A filosofia dialética de nosso filósofo teria sido influenciada pela dialética do filósofo grego Heráclito, que afirmou: "a guerra e a luta entre opostos são a condição eterna do universo" (apud. STOKES, 2012, p. 25). Tal teoria sugere que para captar a realidade, o pensamento deve ser dialético, deve saber "lidar com a contradição e assimilá-la, aderir a seus contornos e a seu movimento" (MENESES, 2003, p.5).

Para Hegel, o esforço da filosofia estava em unir o que está à parte, ou seja, um esforço para unir opostos, "el principio de contradicción es base y condición indispensable de la ciencia, es la ley misma del pensamiento". A rigor, a dialética hegeliana sugere um movimento a partir do qual novas realidades aparecem, se explicitam, se deduzem graças à contradição, à oposição que

existe na realidade anterior. Eis a tríade do seu sistema,

A dialética hegeliana começa com uma "tese", tomada inicialmente como verdadeira. A reflexão revela que há um ponto de vista contraditório a essa tese, com igual pretensão de legitimidade, denominado por Hegel de "antítese". Diante de duas ideias incompatíveis, tese e antítese, uma nova e terceira posição torna-se visível, chamada por Hegel de "síntese".¹ (STOKES, 2012, P. 202).

E assim, *ad infinitum*.

Para entender a dinâmica dialética da Ideia e seu papel na história Hartman explica,

A ideia se desenvolve no espaço e no tempo. A Idéia se desenvolvendo no espaço é a Natureza, a Idéia subsequentemente - ou antes, conseqüentemente, pois é tudo um processo lógico - se desenvolvendo no tempo é o Espírito. Este último, o desenvolvimento da Idéia no tempo, ou desenvolvimento do Espírito, é a História. (2001, p. 12).

Observe dentro da dialética hegeliana que a Ideia é inicialmente subjetiva, depois, tornar-se-ia objetiva e, finalmente subjetiva e objetiva. Seria portanto, esse o princípio fundamental, segundo Hegel do desenvolvimento do pensamento em direção a uma verdade universal. Sua ambição teria sido expressar a unidade do todo numa síntese abrangente e universal. Portanto, seu método pode ser traduzido na seguinte assertiva: "aquilo que é racional é real e aquilo que é real é racional".

Mas Hegel tem, portanto, o mérito de ter sido ele quem trouxe historicidade ao real. Segundo o nosso filósofo, aquilo que existe hoje, nem sempre teve existência, origina-se de algo que lhe é anterior, que, por sua vez existiu antes, se desintegrou para criar um novo tempo.

4. A Filosofia da História

Quando a filosofia pinta o cinza sobre o cinza, alguma forma de vida está envelhecida, e com o

¹ Para uma melhor compreensão sobre a tríade da dialética hegeliana observar que: TESE = ideia; ANTÍTESE= natureza; SÍNTESE= espírito.

cinza sobre o cinza ela não se permite rejuvenescer essa forma de vida, mas apenas conhecê-la; a Coruja de Minerva começa a voar ao anoitecer.

O que quer que aconteça, cada indivíduo é sempre filho de sua época; portanto, a filosofia é a sua época tal como apreendida pelo pensamento. É tão absurdo imaginar que a filosofia pode transcender sua realidade contemporânea quanto imaginar que um indivíduo pode superar seu tempo.

G. W. F. Hegel

"A ciência do espírito é o tempo, ou seja a história" (HARTMAN, 2001, p. 23) . Hegel em seus estudos introduziu uma crítica a atemporalidade que era atribuída à verdade e à razão, para ele a verdade e a razão são fruto do desenvolvimento histórico.

A explicação para a historicidade no pensamento hegeliano consiste em que é apenas ao delinear o percurso pelo qual a razão humana se desenvolve que poderemos apreender o que somos no presente.

Segundo o filósofo, somente através da consciência crítica de nossa situação histórica, é que poderíamos entender o próprio processo histórico, as "leis da história", seu significado e a direção que tomou[a], somente por essa via poder-se-ia ir além da consciência do seu próprio tempo.

Dado que para Hegel a História "é o desenvolvimento do Espírito no Tempo, assim como a Natureza é o desenvolvimento da Idéia no Espaço", é preciso entender que "o 'Espaço' em que a Natureza se desenvolve é o espaço-tempo físico. O tempo em que o Espírito se desenvolve é o tempo da consciência, na qual o Espírito 'esvazia e externaliza' a si e extingue a 'fases' da história"(apud. HARTMAN, 2001, p. 21). Tal compreensão resulta na ideia de que a História está tanto no espaço quanto no tempo e ocorre tanto na Natureza como na mente.

Assim, se nos remetermos novamente a ideia de que o universal está contido no particular e vice-versa, compreenderemos a lógica hegeliana com mais facilidade. Ora, enquanto o indivíduo, que é o particular, é mortal, o Espírito, que é universal, é também eterno. Assim, a dialética da história proposta por Hegel, é fruto da "tensão entre a transitoriedade da vida individual e a eternidade da história, entre o Espírito e suas próprias fases históricas" (HARTMAN, 2001, p. 24). Note-se que quando o indivíduo desaparece, dado sua finitude, o

Espírito não desaparece com ele, na verdade, o espírito ganha a consciência acerca do seu próprio passado, "O pensamento é enriquecido com o passado a cada nova fase particular que vai passando", neste sentido, a história continua...

Hegel entende que a tarefa do filósofo historiador seria trazer à tona aquilo que está por trás dos fatos históricos, isto é, o propósito do Espírito, que é seu movimento de conhecer a si mesmo. Eis que, a história filosófica vem apresentar o desenvolvimento da Razão na história. Dito isto, cabe ainda uma pergunta: o que o Espírito conhece quando reflete sobre ele próprio?

Conforme Hartman,

O Homem é parte Natureza e parte Espírito, mas sua essência é o Espírito. Quanto mais o homem se desenvolve espiritualmente, mais ele se torna consciente de si mesmo e quanto mais ele se torna consciente de si mesmo, mais ele se torna ele mesmo - ou seja, livre (2001, p.25).

Ora, Hegel entende que quanto mais o Espírito conhece sua natureza, mais concreta ela se torna, ou seja, mais real se torna a liberdade. Isto porque o Espírito reconhecerá que é livre. E conclui, "A liberdade em si é o seu próprio objetivo e o propósito único do Espírito. Ela é a finalidade última para a qual toda a história do mundo sempre voltou" (HEGEL, 2001, p. 66). Com efeito, a História, sendo o desenvolvimento do Espírito, é, por extensão o desenvolvimento cada vez maior da liberdade, assunto que ele trata em muitas de suas obras.

A obra "Fenomenologia do Espírito", foi, segundo os críticos de Hegel, a primeira obra a trazer sua compreensão da filosofia enquanto sistema. Nesta obra, Hegel expõe seu método dialético. É no movimento dialético que o Espírito se autocompreende no devir histórico. De acordo com Padre Vaz, citado por Paulo Meneses, a Fenomenologia caracteriza-se por

articular com o fio de um discurso científico - ou com a necessidade de uma lógica - as figuras do sujeito ou da consciência que se desenham no horizonte do seu afrontamento com o mundo objetivo. Ciência da consciência, esse foi o primeiro título escolhido por Hegel para a sua obra. Na verdade as figuras da experiência aqui recolhidas são experiências... de uma cultura que se desenvolveu no tempo sob a injunção do pensar a si mesma e de justificar-se ante o tribunal da Razão. Uma face dialética, por que a sucessão das figuras da experiência não obedece à ordem cronológica

dos eventos, mas à necessidade imposta ao discurso de mostrar na sequencia das experiências o desdobramento de uma lógica que deve conduzir ao momento fundador da ciência do saber absoluto, como adequação da certeza do sujeito com a verdade do objeto (2003, p.7)

Assim, a obra explica como dialeticamente a experiência da consciência se move para produzir a verdade. Nesta perspectiva é que a história faz sua entrada na filosofia e mais, a filosofia passa a dialogar com a história afim de atingir a verdade universal.

Em seu texto "A razão na História", Hegel expõe sua filosofia da história do mundo. O autor começa por apontar que há três métodos para tratar a história, quais sejam: 1) a história original, cuja característica é descrever aqui que o historiador vivenciou, sem a preocupação com reflexões sobre aquilo que está acontecendo; 2) a história reflexiva, tal história transcende o presente, trata do passado, todavia, cada historiador a cada tempo faz uso das fontes a sua maneira, a partir do espírito de cada momento; por fim, há a história filosófica. Segundo Hegel, "o único pensamento que a filosofia traz para o tratamento da história é o conceito simples de Razão, que é a lei do mundo e, portanto, na história do mundo as coisas acontecem racionalmente" (HEGEL, 2001, p. 53). Tais métodos podem ser visto como uma hierarquia das formas. Cada uma das formas é a culminação da ideia de história até um determinado momento. o que implica em dizer que quando um dos modelos ou métodos não atende mais as expectativas do momento histórico, os historiadores são obrigados a adotar uma nova ideia de história, o que por extensão, e por antecipação, implica, antes, na instituição de um novo método. Segundo este filósofo, para compreender como se desenvolve a realidade, os historiadores filósofos deve raciocinar sobre a história da razão. Na referida obra, é possível perceber como Hegel, que vivenciou a Revolução Francesa e tornou-se um dos seus mais ilustres admiradores, aproxima a história da liberdade. Para ele a história conduziria necessariamente a liberdade. Francisco Pereira Nóbrega traz um exemplo que pode ser elucidativo, neste sentido. Vejamos,

Nas primeiras civilizações, apenas um era livre (o faraó, por exemplo) e os demais, escravos. Depois, vieram civilizações como a grega, a romana, em que alguns eram livres (as oligarquias privilegiadas, as aristocracias) e os demais, os escravos. Finalmente chegaremos a um estágio da História em que

nenhum será mais escravo e todos serão realmente livres (2009, p.70).

Neste sentido, considere-se que, de acordo com as proposições de Hegel, chegar-se-á a um momento da história humana em que todos serão livres. Tal conquista, dado o próprio caráter da história, é gradativa, sendo a razão a responsável pelo direcionamento da história e não os atos heroicos de homens individuais.

E para que a história seguisse o seu rumo, atingisse a Alemanha e promovesse naquele país a liberdade, a razão teria que triunfar. Assim, foi graças ao aprimoramento da filosofia daquele alemão que o ideal revolucionário de liberdade teria revelado a verdadeira essência do Espírito. "A essência do Espírito", explica Hegel, "é a liberdade".

Ora, a liberdade em Hegel, diferente daquela defendida em Kant, se expressa na harmonia entre o indivíduo e a comunidade. Com efeito, seria a relação entre os interesses particulares e o interesse de um povo que a liberdade seria concebida. E assinala, "a liberdade não pode ser alcançada sem o pensamento crítico e a reflexão" (apud. MENESES, 2003, p. 17).

Considere-se a pergunta do filósofo: Qual é a matéria em que será realizado o objetivo final da razão?

E responde:

é ela o próprio agente subjetivo, os desejos humanos, a subjetividade em geral. No conhecimento e na vontade do ser humano, como base material, o racional passa a existir. [...] a vontade subjetiva também tem uma vida material, uma realidade onde se movimenta pela região do ser essencial e em que tem a própria essência como objetivo de existência. Este ser essencial é a união da vontade subjetiva com a vontade racional, é o conjunto moral, o Estado (HEGEL, 2001, p. 88).

Cada civilização, com sua ética, suas leis, sua orientação política, representa mundialmente uma fase do Espírito, que tem cada vez mais consciência de sua liberdade. Em rigor, um povo que não é Estado, não é forte sobre a Terra, não goza de liberdade. Assim, o homem busca construir o Estado, de modo a garantir sua maior liberdade.

Na obra de Hegel não há possibilidade de realização da liberdade fora dos limites de um Estado. O

filósofo alemão compreende que a ideia do Estado é presença certa em qualquer comunidade que se quer organizada. Todavia, admite que quanto maior o desenvolvimento dos Estados modernos, maiores serão as desigualdades que eles comportarão. Contudo, graças a racionalização das leis e ao esforço do Estado jurídico, a liberdade se efetua de forma mais sólida, assim afirma o filósofo: "o desenvolvimento minucioso do Estado é o objeto da filosofia jurídica".

No que diz respeito a questão da igualdade/desigualdade, o filósofo destaca que, tal como a liberdade, a igualdade deve constituir a determinação fundamental do Estado, de uma constituição e do governo. Hegel discorda, todavia, do princípio que afirma que " todos os homens são iguais por natureza", pois entende que só pela natureza os homens são desiguais. De acordo com Gildo Marçal Brandão,

Os cidadãos, fora da personalidade que têm perante a lei, são iguais só naquilo em que eles *fora da lei* já são iguais. Só a outra igualdade, de qualquer espécie que seja, de riqueza, da idade, de força física, de engenho, de habilidade etc., ou também de delitos etc., pode e deve justificar, concretamente, um tratamento igual deles perante a lei: quanto aos impostos, ao dever militar, à admissão nos empregos etc., às punições etc (2006, p. 125).

Enfim, a filosofia hegeliana alimenta a ideia de que não é possível que de um *estado de natureza* possa se deduzir uma teoria da igualdade dos homens com base na liberdade. Nada obstante, ainda que o Estado seja pensado como a realização máxima do Espírito objetivo, a natureza, de certa forma, subsiste nele "espiritualizada" naquilo que é humano, errático e contingente, especialmente, nos domínios da sociedade civil, onde há a necessidade da coação do Estado.

Dado que, ao admitir elementos do *estado de natureza* e, simultaneamente, possuir na sua própria lógica uma racionalidade, ainda que astuciosa, a sociedade civil institui o espaço que permite a intercessão entre elementos considerados naturais, à exemplo dos conflitos, das lutas e, mesmo da concorrência, entre os homens, ditos negativos e aqueles aspectos da racionalidade positiva do Estado.

Mas o que seria essa sociedade civil da qual Hegel fala? Trata-se de um sistema de necessidades, um

estado de dependência mútua nos qual os indivíduos satisfazem as suas necessidades através do trabalho e da troca. É na sociedade civil que os homens garantem a defesa de sua liberdade, da propriedade e interesses pessoais. A sociedade civil é o lugar das diferenças sociais e conflituosas entre os homens. O Estado, por sua vez é o território dos interesses públicos, universais, onde as contradições existentes no âmbito da sociedade civil são superadas. No Estado, cada indivíduo deve agir em prol da promoção do bem coletivo

Enfim, a teoria hegeliana nega que a primazia do indivíduo, pois segundo este filósofo é o Estado que embasa a sociedade. Para Hegel não há o homem em estado de natureza, pois o homem, por sua especificidade, é um indivíduo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Susana. Prólogo. In. KANT. Immanuel. La paz Perpetua. Buenos Aires: Longseller, 2001.

ANDRADE, Abraão Costa. Kant: Crítica e História. Princípios: UFRN: Natal. v.9, ns.11-12. pp.126-144. Jan/Dez 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de A; Martins, Maria Helena P. Filosofando: introdução à Filosofia: São paulo Moderna 1993.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Hegel: o Estado como realização histórica da liberdade. In. WRLFFORT. Francisco C. (org.) Os clássicos da política. vol 2. São Paulo: Ática, 2006.

FERRY, Luc. Kant: uma leitura das três "críticas". Rio de janeiro: Difel, 2012.

GONZÁLEZ, Zeferino. HISTORIA DE LA FILOSOFÍA. TOMO III - CRISIS ESCOLÁSTICO-MODERNA.FUENTE: Agustín Jubera, Madrid, 1886 - 2ª edición. Edición digital en Torre de Babel Ediciones. Disponível em <http://www.e-torredebabel.com/historia-filosofia-gonzalez/historiafilosofiamoderna-gonzalez.htm>. Acessado em 12.01.2012.

HARTMAN. Robert S. Introdução. In. HEGEL. G.W.F. A Razão na História. São Paulo: Centauro, 2001.

HEGEL. G.W.F. A Razão na História. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. Fenomenologia do Espírito. disponível em <http://br.egroups.com/group/acropolis>. Acessado em 12.01.2012.

_____. História Filosófica. In. GARDINER. Patrick. Teorias da História. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, S/d.

HUGHES-WARRINGTON, Marnie. 50 grandes pensadores da História: São Paulo: Contexto, 2004.

HUME, David. "Investigações sobre o Entendimento Humano". São Paulo: UNESP, 2004.

JERPHAGNON, Lucien. História das grandes filosofias. São Paulo: Martins Fontes: 1992.

KANT. Immanuel. Crítica da Razão Pura. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. Crítica da Razão Pura. In. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

_____. Ideia de uma História Universal de um ponto de vista cosmopolita. In. GARDINER. Patrick. Teorias da História. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, S/d.

_____. Ideia de uma História Universal com um propósito cosmopolita. Trad. MOURÃO, Artur. Disponível em <http://www.lusofia.net>.

_____.La paz Perpetua. Buenos Aires: Longseller, 2001.

LEITE. Flamarion Tavares. 10 Lições sobre Kant. Petrópolis: Vozes, 2011.

MENESES, Pualo. Hegel & a fenomenologia do espírito. Col. Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NÓGREGA. Francisco Pereira. Compreender Hegel. Petrópolis: Vozes, 2009.

PASCAL, Georges. Compreender Kant. Petrópolis: Vozes, 2009.

REDYSON, Deyve. 10 Lições sobre Hegel. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSENFELD. Denis L. Hegel. Col. Passo-a-passo: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

STOKES, Philip. Os 100 pensadores essenciais da filosofia. Rio de janeiro, Difel, 2012.

THOUARD, Denis. Kant. São paulo: Estação Liberdade, 2004.